

**CONSTRUÇÕES DA MEMÓRIA COLETIVA COMO DESENCADEADORA DO
PROCESSO IDENTITÁRIO EM *UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA
TERRA, DE MIA COUTO***

Regina Costa Nunes Andrade¹
Diana Gonzaga Pereira²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a problemática da rememoração do passado para a formação da memória coletiva e, conseqüentemente, sua influência para a formação identitária de Marianinho, protagonista do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do escritor moçambicano Mia Couto. Sob o viés da representatividade social na literatura, analisaremos o processo de amadurecimento de Marianinho a partir do movimento de fazer fluir a memória individual e coletiva. Para isto, lançar-se mão dos conceitos sobre literatura, história e memória trabalhados por Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, Sandra J. Pesavento, Maria de Fátima Marinho, Maria Nazareth S. Fonseca, dentro outros teóricos, como Homi Bhabha e Stuart Hall, aliando-os às observações sobre a escrita miacoutiana feita por Ana Cláudia da Silva. Para uma leitura mais didática, dividiremos nossa análise em três momentos. No primeiro faremos uma breve abordagem da história moçambicana no que se refere a formação da república, o surgimento de sua literatura e algumas considerações sobre o escritor Mia Couto. No segundo momento abordaremos como a problemática da memória é abordada em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* sob a luz dos conceitos dos teóricos citados, isto por meio da figura de Marianinho, protagonista do romance. No terceiro momento faremos nossas últimas observações acerca do romance e nossas ponderações finais.

Palavras-chave: Memória; literatura; Marianinho; rememoração.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presença portuguesa na África começou no século XV, com as grandes navegações, que influenciaram diretamente na expansão da Europa, que sobrepôs seus limites geográficos. Disputas políticas e de influência ocorreram pela partilha da África que, na Conferência de Berlim (1885), ficou quase toda sob domínio de impérios europeus. Desse modo, a divisão das colônias africanas permaneceu entre Alemanha, Bélgica, França, Espanha, Inglaterra, Itália, Portugal, até o fim da

¹ Mestranda em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: rcn_rainha@hotmail.com ou rcnandrade11@gmail.com.

² Mestranda em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: dianagonzagapereira@gmail.com.



Primeira Guerra Mundial, em 1918, momento em que os países vencidos tiveram suas colônias africanas espoliadas, sendo a Inglaterra e a França as principais beneficiárias.

Após a Segunda Guerra Mundial, a África volta a figurar os empates internacionais, sendo zona de embate de influências entre URSS e o Ocidente. Isso mostrou-se decisivo para a independência dos territórios africanos do império português, mesmo que para manter seu domínio o governo luso tenha modificado a constituição e mapa oficial de Portugal, passando a considerar-se um país transcontinental. Desse maneira, as colônias passam a serem consideradas “províncias ultramarinas”, ou seja, estados além-mar.

Em Moçambique, quando os portugueses iniciaram a colonização, não existia um sistema de escrita entre os povos nativos. A cultura autóctone era baseada na tradição oral, sendo a memória ancestral o elo transmissor da sabedoria, da história e da cultura. Essa ausência de sistema de escrita aliada a diversidade linguística africana e ao fato de Portugal ter começado a investir social e culturalmente em seus territórios tardiamente, fez com que a Língua Portuguesa fosse adotada como idioma oficial por seus ex-colônias.

Além desses fatores, a diversidade linguística dificultou a escolha de uma língua nativa, já que isso corresponderia a valorização de uma comunidade étnica sobre as demais. Dessa maneira, a opção pela língua do colonizador mostrou-se mais viável financeiramente, pois, também, herdasse o sistema de ensino e evitasse dispêndio com a elaboração de gramáticas e materiais afins.

As publicações de jornais moçambicanos surgem no séc. XX, atingindo o público alfabetizado em português, e quem possuíam como foco a manifestação anticolonialista e defesa dos direitos dos moçambicanos. Mesmo a população leitora estando localizada nos centros urbanos, já que a maioria dos falantes da Língua Portuguesa, até então, viviam na zona urbana da capital Lourenço Marques (atual Maputo). Desde então jornalismo e literatura passam a dividir o mesmo espaço nos periódicos. As publicações dos periódicos, com caráter revolucionário foram perseguidas por Salazar, que vetou a liberdade de imprensa nas províncias ultramarinas. Assim, sob fortes influências literárias externas em busca do não alinhamento com a Europa, surge a Literatura Moçambicana propriamente dita.

Uma atmosfera de incertezas e conflitos tornam-se presentes nas produções poéticas e literárias nos períodos de lutas, tanto contra o colonialismo, quanto o de guerras civis após a independência. Nas obras do escritor moçambicano Mia Couto essas instabilidades e mudanças são perceptíveis. Suas obras têm contribuído para divulgação da sociedade moçambicana e africana, de



um modo geral, estando imbricada de percepções sociais, culturais, psicológicas, humanas, dentre outras.

Sabendo que a Literatura pode ser desveladora e um recurso para a interpretação histórica, pois revela comportamentos culturais, políticos e sociais de uma comunidade em um certo momento, uma vez que os fatos históricos e a memória coletiva tornam-se referência para a escrita das narrativas literárias, é que propomos analisar o romance miacoutiano *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003). Dessa maneira, abordaremos como essas temáticas são perceptíveis dentro desse romance, aliando nossa pesquisa aos conceitos da problemática da representação cultural e construções identitárias, tendo o romance enquanto fonte histórica e social. Afinal, como afirma Silva (2010, p. 33):

Escrever uma história literária, portanto, é uma tarefa ampla, ainda mais quando se trata de sistemas literários emergentes, porque o ponto de partida de seus pesquisadores é a constituição dos sistemas literários de outras nações. (...) No caso da literatura moçambicana, podemos pensar que as recentes contribuições para sua historiografia têm por base os processos de formação das literaturas brasileira e portuguesa, bem como aquelas outras nações de língua portuguesa, nomeadamente de Angola, cujo repertório literário destaca-se como um dos mais amplos no âmbito dessas literaturas.

Uma atmosfera de incertezas e conflitos que encontramos nas obras do escritor moçambicano Mia Couto. Sobre seu fazer literário dentro do universo moçambicano Ana Claudia da Silva (2010, p. 72) diz que:

Mia Couto tem também o mérito de levar a literatura moçambicana para além dos limites de sua nação, dando a conhecer ao mundo todo, pelas inúmeras traduções de suas obras, os modos moçambicanos de ser e de viver, de pensar a realidade e de dizê-la. (...) Entendemos ser Mia Couto, em Moçambique, o inaugurador de uma liberdade de criação literária que prima pela destreza do trato pelas palavras; pela postura singela que abarca as perplexidades de seu tempo; pela multiculturalidade que sobrepuja o exotismo com que o continente africano ainda é, muitas vezes, concebido; e pelo inusitado das situações, descritas sempre, parodiando Machado, com a pena da dedicação e a tinta da ironia.

Corroborando com esta afirmação, acreditamos que a literatura produzida por Mia Couto tem contribuído para divulgação da sociedade moçambicana, estando imbricada de percepções sociais, culturais, psicológicas, enfim, humanas.

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* estas temáticas também são perceptíveis. Afinal, nas palavras de Izabel A. Marson (2004), “pode-se considerar que, tendo a possibilidade de ser, ao mesmo tempo, entretenimento, alimento para o imaginário e veículo de aprendizagem, a ficção é recurso que, num mesmo ato, preserva e transfigura a memória das comunidades”. É essa perspectiva que buscamos ancorar este estudo, no qual analisaremos a



problemática da representação e construção da memória na obra em questão, tendo a literatura enquanto representação social e auxiliar da interpretação histórica, revela comportamentos culturais, políticos e sociais de uma comunidade em um certo momento.

No romance supracitado há algo de universal, comum a todos nós: a temática construção da identidade, os embates ocorridos no seio familiar e o sentimento de pertencimento, como afirma Mia Couto em entrevista concedida a Gel Felipe para o *Jornal Notícias*, em 18/12/2008:

Eu acho que desde o meu primeiro livro [Terra Sonâmbula] há um tema que nunca me abandonou que é o tema da procura de identidades. Estas identidades que nós pensamos como sendo puras, isoladas e estáticas, não são nada disso e pelo contrário são dinâmicas. Este livro [O Outro Pé da Sereia] fala um bocadinho sobre isso, sobre uma mestiçagem que não é apenas racial mas uma mestiçagem de culturas. Evidentemente que a história é uma outra coisa, mas de uma forma indirecta falo também sobre isso.

Aqui Mia Couto fala sobre o livro *O Outro Pé da Sereia*, mas revela-nos que a construção de identidades – no plural, por não ser acabada e fechada –, essa busca pela autodescoberta, sempre está presente em suas obras.

Seguindo nesta linha, a abordagem dada ao tema identidade propõe uma articulação das diferenças culturais, que busca a descoberta do eu ao descobrir o outro. Assim, ganham novas dimensões os discursos proferidos a partir da margem do mundo globalizado e das culturas hegemônicas, pois como afirma Munszkat (1986), “é através dos encontros com o Outro, em todas as possibilidades existenciais, que o Ego se diferencia plenamente, passando a desempenhar-se no nível da identidade”. Além disso, salientamos que “não se pode chegar à verdadeira natureza pelo lado de fora. Por mais que se investigue, nesse nível, só se podem alcançar nomes e sinais. É preciso ingressar no interior de si mesmo em busca da natureza arcaica da vida psíquica” (MUNSZKAT, 1986, p. 50).

Para nossa análise utilizaremos os estudos de Jacques Le Goff em *Passado/Presente*, de Antonio Cândido em *A literatura na evolução de uma comunidade*, de Maurice Halbwachs em *A memória coletiva*, de Sandra J. Pesavento em *História, literaturas e cidades: diferentes narrativas para o campo do patrimônio*, de Maria de Fátima Marinho em *A construção da memória*, de Andreas Huyssen em *Passados presentes: mídia, política, amnésia*, de Maria Nazareth S. Fonseca em *Percursos da memória em textos das literaturas africanas de língua portuguesa*, de Ana Cláudia da Silva em *O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto*, e também as entrevistas *Obras de ficção revelam características de momento histórico*, de Izabel Andrade Marson, e *A arte de fingir que se mente*, de Ana Miranda, dentre outras que constam em nosso

referencial.

Para uma leitura mais didática dividiremos este artigo em três momentos. No primeiro, faremos uma breve abordagem da história moçambicana no que se refere à formação da república, o surgimento de sua literatura e algumas considerações sobre o escritor Mia Couto. Abordaremos, no segundo momento, como a problemática da memória é apresentada em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* sob a luz dos conceitos dos teóricos já citados, tendo como foco Marianinho, protagonista do romance. No terceiro momento, considerações finais, faremos nossas últimas observações sobre o romance e percurso empreendido nesta análise.

CONSTRUÇÕES DA MEMÓRIA FAMILIAR: CURSOS E PERCUSOS

Retirou os óculos e atirou-os para o capim. Dulcineusa foi no seu encaço para lhe entregar o que ele havia deixado cair. Mas o religioso fez questão de negar. Preferia deixar de ver (COUTO, 2003, p. 100).

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* o processo de autodescoberta de Marianinho, por meio das reminiscências do passado familiar, se dá com o seu retorno à ilha de Luar-do-Chão. Incumbido de comandar as cerimônias fúnebres do avô Dito Mariano (de quem recebeu o nome), o jovem se vê como um estranho entre os seus familiares e entre as pessoas de sua terra, pois tem vivido e estudado na cidade nos últimos anos. Aos poucos, Marianinho percebe que voltou à ilha para um renascimento.

Uma série de intrigas e segredos familiares envolvem Fulano Malta (pai de Marianinho), sua avó Dulcineusa, os tios Abstinêncio e Últímio e sua tia-avó Admirança, dentre outras personagens presentes no romance. As nebulosas circunstâncias em torno da morte de sua mãe, Mariavilhosa, ressurgem. O rapaz descobre, por meio de cartas de origem obscura, que o falecimento do avô permanece estranhamente incompleto. Trata-se de um momento de passagem, crucial para Marianinho e para Luar-do-Chão, uma vez que a terra está num estado de abandono, decadência e miséria. Como é descrito no romance:

Nenhum país é tão pequeno quanto o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a Ilha. A separá-los apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São suas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas (COUTO, 2003, p. 18).

Notamos no romance um impasse cultural, religioso e político, que possui semelhanças com a situação social de Moçambique, já que nessa enigmática ilha, onde o rio armazena a memória

dos espíritos e a terra sofre com obscuros feitiços, a tarefa de Marianinho é encontrar uma forma de levar adiante uma história que ultrapassa o ambiente familiar, ganhando o espaço público e social. Isto nos remete a Le Goff (1990, p. 124) quando diz que:

As sociedades ditas tradicionais, especialmente as camponesas, não são tão estáticas como se julga. Se a ligação ao passado pode admitir novidades e transformações, na maior parte dos casos o sentido da evolução é apercebido como decadência ou declínio. A inovação aparece em uma sociedade sob a forma de um regresso ao passado: é a ideia-força das "renascenças".

Muitos são os segredos que o jovem deverá descobrir, tendo, para isso, o auxílio das cartas fúnebres de seu “clínicamente defunto” avô Dito Mariano, mesmo sendo tratado pelos familiares como criança e incapaz de compreender os acontecimentos que os cercam.

Marianinho empreende uma jornada para dentro de si, busca lembrar-se para compreender o meio que o cerca, mas também procura as memórias familiares nos diálogos com seus parentes e outras pessoas da ilha, tais como o padre Nunes e o médico indiano Mascarenhas, por exemplo. Tal nebulosidade decorre da “ausência de um passado conhecido e reconhecido”, que gera conflitos em Luar-do-Chão, pois “a minguia de um passado, pode também ser fonte de grandes problemas de mentalidade ou identidade coletiva: é o caso das jovens nações, principalmente das africanas” (LE GOFF, 1990, p. 205).

A busca pela memória suprimida é o eixo desencadeador da trama, como vemos nas cartas com orientações de Dito Mariano, nas quais instrui Marianinho a procurar as pessoas da ilha.

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de nascimento. Para colocar nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.

(...) A Ilha de Luar-do-Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão. E você saltou essa fronteira. Se afastou não em distância, mas se alonjou da nossa existência (COUTO, 2003, pp. 64-65).

O avô também rememora o passado de Fulano Malta para explicar sua atual situação para que, assim, o jovem comece a busca pelo desvelo dos segredos que estão sufocando Luar-do-Chão. Esse caminho de contar o passado, fazendo com as lembranças fragmentadas adormecidas ganhem novamente cores, alia-se à reflexão de Halbwachs, pois:

Então, é da própria lembrança em si mesma, é em torno dela, que vemos brilhar de alguma forma sua significação histórica. (...) Se lembramos dele [o fato], é porque sentíamos em torno de nós os outros [adultos] se preocupavam. Mais tarde, compreendemos melhor porquê. A lembrança, no início, existia no interior da corrente, mas estava retida por algum obstáculo, permanecia muito a margem, presa nas ervas da margem (HALBWACHS, 1990,

p. 63).

São essas lembranças que estava à margem da memória do protagonista que ressurgem e passam a inquietá-lo. Trazê-las à superfície é algo que afetará a ilha, uma vez que todos estão envolvidos nesse passado silenciado, imbricando diretamente nos problemas atuais. Desta forma, vemos que somente pelo desvencilhamento dessa mudez imposta ao passado é que se pode ir em frente. Salientamos que, conforme Le Goff (1990, p. 68), “os costumes modernos repousam sobre antigas camadas que afloram em mais de um lugar. Algumas vezes, é preciso ir muito longe, para descobrir ilhas de passado conservadas”.

Ao descobrir o que há de errado com a ilha, Marianinho assume por completo a tarefa deixada por seu avô e os anseios de avó Ducineusa, fato esse perceptível em mais uma das cartas de Dito Mariano, em que reitera a tarefa do neto em “salvar Luar-do-Chão. Sim, faltava-nos um que viesse de fora mas fosse de dentro” (COUTO, 2003, p. 173). Luar-do-Chão, enquanto espaço existente apenas dentro o romance, recebe tons referentes ao que se passa em Moçambique, isto é justificado na fala de Maria Nazareth S. Fonseca quando salienta que muitas produções literárias africanas de língua portuguesa:

acordam em nós dados significativos da memória e do passado. Deve-se reafirmar, todavia, que a literatura que se volta para a preservação de tradições, como os “lugares de memória”, só pode lidar com ruínas e com restos que são como “as conchas que aparecem na praia quando o mar da memória viva já recuou” (NORA, 1984, p. 8). Constrói-se como ilusão de permanência, mas também reafirma possibilidades de retomada do passado e de tradições que se vão desmanchando, motivadas pelas alterações que, cada vez mais, transformam (e transtornam) as paisagens do mundo (FONSECA, 2006, p. 61).

A narrativa também se apropria de dados históricos para encandear seus acontecimentos, sobretudo emanam referências ao movimento de independência de Moçambique. Tal fato é perceptível quando Marianinho retoma a lembrança de Mariavilhosa durante o parto de um bebê natimorto, na noite da Independência, pois “naquela noite, enquanto se celebrava o deflagrar de todo o futuro, minha mãe morria de um passado: o corpo frio daquele que seria seu último filho” (COUTO, 2003, p. 191). O que torna esta referência mais salutar no romance é que não há menção de datas ao longo da narrativa, fazendo com que o tempo cronológico seja marcado pelos fatos históricos.

Assim, literatura e história são narrativas que têm o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo – construindo sobre ele uma outra versão –, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam. (...) A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. (...) Os personagens literários existiram como possibilidades, perfis que retraçam sensibilidades.

Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam, não no acontecer da vida. São dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida. Porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo (PESAVENTO, 2012, p. 401).

Esta afirmação de Pesavento é reveladora sobre *Um rio chamado tempo, uma casa chamada*, em que temos a representação de Moçambique por meio de Luar-do-Chão e da cidade (que não é nominada), estando situada nesse universo conturbado pós-colonial e globalizado, onde modernidade e tradição disputam espaço.

Marianinho obtém êxito em sua jornada, mesmo enfrentando a oposição dos moradores da ilha em contar suas histórias, especialmente nas que trazem segredos perigosos, como, por exemplo, o assassinato de Juca Sabão que, juntamente com Dito Mariano, espalhou droga pela terra pensando ser fertilizante. Contudo, sabemos que ao rememorar o passado acabamos por omitir ou expandir determinados fatos, uma vez que “a memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social” (HUYSSSEN, 2000, p. 37).

A memória, enquanto espaço lacunar e preenchível a partir do presente, é notória no episódio do álbum da família, em que a avó Ducineusa traz em seu colo um álbum vazio e passa a “descrever” as ilusórias fotos que documentariam os momentos familiares, especialmente os episódios comemorativos.

Mas quando o álbum se abre em seu colo eu reparo, espantado, que não há fotografia nenhuma. As páginas de desbotadas cartolinas estão vazias. Ainda se notam as marcas onde, antes, estiveram coladas fotos.

– *Vá. Sente aqui que eu lhe mostro.*

Finjo que acompanho, **cúmplice da mentira**.

(...)

Ducineusa queixa-se que ela nunca aparece em nenhuma foto. Sem remorso empurro mais longe a **ilusão**. Afinal, a **fotografia é sempre uma mentira**. Tudo na vida está acontecendo por repetida vez.

– *Engano seu. Veja esta foto, aqui está a Avó.*

– *Onde? Aqui no meio desta gente toda?*

(...)

– *Obrigada, meu neto!*

– *Obrigada porquê?*

– **Você mente com tanta bondade que até Deus lhe ajuda a pecar.**

(COUTO, 2003, pp. 49-51. Grifos nossos).

Marianinho entra nesse jogo e passa a recriar o passado que deve, por meio das fotos,

permanecer como memórias documentais da família Mariano. Essa recriação imaginativa fotográfica toma forma (de maneira fantástica, que não é explicada na obra) e passa a ocupar lugar no álbum, representando um passado familiar reconstituído como verídico. Dessa forma, a construção da memória empreendida por Mariano passa a ser a “verdade” que será perpetuada.

Portanto, tendo chegado à maturidade, o jovem está apto a assumir o posto de chefe familiar. Agora Mariano compreende a ilha, seus moradores e sua família, pois “a medida em que a criança cresce, e sobretudo quando se torna adulta, participa de maneira mais distinta e mais refletida da vida e do pensamento desses grupos dos quais fazia parte, inicialmente, sem disso perceber-se” (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Isto nos remete à fala de Antonio Candido, visto que *Um rio chamado tempo, uma casa chama terra* exemplifica esse fazer literário diante do fato de que:

não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo embora ideal, segundo um estilo (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enferme a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo (CANDIDO, 2006, p. 147).

Sob este viés, vemos que a literatura moçambicana está obtendo êxito em sua formação e continuidade, o que percebemos por meio das obras de Mia Couto. Marianinho se desenvolve e reintegra a família, bem como os moradores e a ilha também, já que a memória da terra “se apoia na materialidade, nas vivências, nas sensibilidades do vivido. A memória de uma cidade é uma tentativa de resgate” (PESAVENTO, 2012, p. 402), uma construção contínua, um constante rememorar.

A certeza de que o tempo pode consumir rapidamente as tradições de culturas rurais, que possuem “fortes reservas mas fraco capital histórico” (NORA, 1997, p. 23), e também desacelerar a transmissão e a conservação de valores transmitidos pela força da palavra viva pode-se transformar em impulso gerador de escrita literária que assume, assim, as funções complexas do “lugares de memória”. Ao expor em seu processo de criação possibilidades de recriar “ilusoriamente” os ambientes de memória, a literatura que se faz atenta aos vestígios e manifestações de culturas orais assume o gesto que legitima os “lugares de memória”, mas pode povoá-los com os afetos que a leitura agencia (FONSECA, 2006, p. 59).

Desta forma, segundo Marson (2004), a literatura traz em sua narrativa ficcional sinais indicativos do comportamento social, político, filosófico e cultural de um dado momento histórico. A jornada empreendida pelo jovem também foi interior, um processo de amadurecimento, em que visitou “casa, terra, homem, rio: o mesmo ser, só diferindo em nome. Há um rio que nasce dentro de



nós, corre por dentro da casa e desagua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida” (COUTO, 2003, p. 258). Assim, nosso protagonista, que passa a ser chamado de Mariano ao final do romance, obtém êxito na incumbência recebida de Dito Mariano.

ÚLTIMAS OBSERVAÇÕES

A ilha de Luar-do-chão, espaço ficcional dentro do romance analisado, sofre diante das rápidas mudanças políticas e organizacionais tal como Moçambique. Sendo representativa dessa, traz as mazelas sofridas por seus habitantes de maneira que expõe, pela via literária, os impactos sofridos, as problemáticas enfrentadas no ambiente familiar e diante do desamparo governamental.

Portanto, o processo de autodescoberta e organização social dentro da Literatura mostra-se de fundamental importância para nosso estudo, afinal, nas palavras de Néstor G. Canclini, “estudar processos culturais, por isso, mais do que levar-nos a afirmar identidades auto-suficientes, serve para conhecer formas de situar-se em meio à heterogeneidade e entender como se produzem as hibridações.” (CANCLINI, 2013, p. XXIV). Compreendemos que um caminho terceiro é uma opção, o caminho que aliança o universo tradicional ao da modernidade, fazendo com que esses dois caminhem juntos, assim como Marianinho o fez.

Desse modo, percebemos dentro do romance que é a história vivida que melhor fixa-se na memória, contrapondo-se ao que foi aprendido pedagogicamente. De qualquer maneira, para que as lembranças coletivas sejam apreendidas pela individual, é preciso que já haja um escopo para referência, senão tornam-se vazias de significação. Mas muitas dessas (re)construções da memória têm origens duvidosas, tal qual vemos explicitamente no episódio do álbum de família, conforme salienta Halbwachs (1990, p. 73), uma vez que acabam por serem forjadas a partir de falsos reconhecimentos com base nos relatos das pessoas que nos cercam, tornando-se simuladas.

Observamos, além do já foi exposto, que a linguagem utilizada em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* é carregada de poeticidade, neologismos e palavras em banto. Essa poeticidade acompanha o encantamento que o protagonista tem ao percorrer a ilha e conhecer seus habitantes, além de ser uma característica da escrita de Mia Couto. Os neologismos são próprios do projeto africano em língua portuguesa, o que vai além do que já se conhece da língua do ex-colonizador para dar-lhe nuances próprias. Isso está em consonância com o uso de palavras em banto – com a utilização de glossário –, os quais marcam o universo tradicional na obra e a



miscigenação linguística como meio de resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. A literatura na evolução de uma comunidade. In: *Literatura e sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2013.
- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FONSECA, Maria Nazareth S. “Percurso da memória em textos da literaturas africanas de língua portuguesa”. In: Gragotá. UFF, Niterói, v. 17, 2006, pp. 45-64.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUSSEL, Hamilton. “Introdução”. In: SEPÚVELDA, Maria do Carmo e SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul: Yendes Editora, 2006.
- HUYSEM, Andreas. “Passados presentes: mídia, política, amnésia”. In: *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LEITE, Fábio. “Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas”. In: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, São Paulo, nº 18/19, 1995/1996, pp. 103-118.
- LE GOFF, Jacques. “Passado/Presente”. In: *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- MARINHO, Maria de Fátima. *A construção da memória*. In: Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanas. Vol. 10. Santiago de Compostela, 2008, pp. 170-188.
- MARSON, Izabel Andrade. *Obras de ficção revelam características de momento histórico*. Disponível em www.comciencia.br/entrevistas/2004/10/entrevista2.htm. Acesso: 18/05/2015.
- MIRANDA, Ana. *A arte de fingir que se mente*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. nº 76, Rio de Janeiro, 2012.
- MUNSZKAT, Malvina. *Consciência e identidade*. São Paulo: Ática, 1986.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. “História, literaturas e cidades: diferentes narrativas para o campo do patrimônio”. In: *Revista patrimônio*, nº 34, 2012, pp. 399-411.



SILVA, Ana Cláudia da. *O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<http://www.portaldogoverno.gov.mz>

Resposta de Portugal: a Guerra Colonial. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwiIyBGchO3OAhVII5AKHSauBZIQFggeMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.cart1525.com%2Fgouveia%2Fresposta.pdf&usg=AFQjCNH3zOkszQLCZsgwbkY0RSyspwXqUw&cad=rja>. Acessado em: 15/05/2016.

<http://lusofonia.x10.mx/LA.htm>, acesso: 02/07/2016. Acessado em: 18/05/16

http://pensador.uol.com.br/autor/mia_couto/biografia/

<http://cienciadaterra.blogspot.com.br/2009/11/divisoes-da-africa.html>

<http://historiaestudoaqui.blogspot.com.br/2013/03/como-o-continente-africano-e-dividido.html>

<http://www.cart1525.com/gouveia/resposta.pdf>

http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/Perguntugues_%20Linguas_bantu_bantas.pdf

<http://www.webartigos.com/artigos/a-manifestacao-do-pan-africanismo-e-negritude-em-francisco-jose-tenreiro/108208/>. Acessado em: 21/08/2016

<http://schafergabriel.blogspot.com.br/2015/03/o-imperialismo-do-seculo-xix.html>, acessado em 10/05/2016.

<https://pt.dreamstime.com/ilustrao-stock-mapa-administrativo-de-moambique-image47477192>, acessado em 22/06/2016.

<http://meteoropole.com.br/2013/10/portugal-nao-e-um-pais-pequeno/>, acesso: 26/06/2016.

<http://www.infoescola.com/linguistica/bantos-bantus/>. Acessado em 07/07/2016.